

O que não é Geografia?

What is not geography?

Jahan Natanael Domingos Lopes

Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil

jahan_natanael@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0410-5219>

RESUMO

Em busca de se conceber “O que não é geografia?”, teceu-se um trabalho de epistemologia nadológica da geografia, com o propósito de esculpir o não-ser geográfico. Para isso, buscou-se aporte na filosofia do nada por meio de Parmênides, Melisso, Górgias, Platão, Al-Fārābī e Sartre. Esses autores abrem margem a se pensar, de vários modos, o nada geográfico, servindo, especialmente, para identificarem que há uma diversidade de horizontes para responder à questão situada. Assim, visou-se, além de conceber caminhos possíveis, a uma revisão acerca do que se compreende sobre o que não é geografia. Com a revisão historiográfica, encontraram-se três formulações básicas: “a geografia não é outras ciências”, “a geografia não é um conhecimento unânime” e “a geografia não é puramente acadêmica”. A primeira, confere à geografia um estatuto de ciência por si, predicada em suas diversas áreas de atuação, sendo uma polarização, frente à interação; a segunda, aponta que, consoante as correntes de pensamento possíveis, a geografia se mantém como uma interação a se polarizar, inclusive a partir de linhas filosóficas; por fim, a terceira, indica que a geografia é também fenomênica, presente na educação e no cotidiano, sendo pensada de modo despolarizado na facticidade do mundo. Todas as asserções negativas permitem entender que a geografia é uma interação pura polarizada – em predicções de áreas e correntes – e despolarizada no horizonte de experiências. Por conseguinte, tateou-se o não-ser geográfico em um percurso que permite abrir possibilidades às acepções do que não é geografia e de conhecê-las mais profundamente.

Palavras-chave: Pensamento geográfico, Ontologia, Nadologia, Não-ser.

ABSTRACT

In order to conceive “What is not geography?”, a work of nadological epistemology of geography was weaved, with the purpose of sculpting the geographical non-being. For this, we sought to be embolder in the philosophy of nothingness through Parmenides, Melisso, Gorgias, Plato, Al-Fārābī and Sartre. These authors open the way to thinking in various ways the geographical nothingness, serving, especially, to identify that there is a diversity of horizons to answer the question situated. Thus, we aimed, in addition to conceiving possible paths, a review about what is understood about what is not geography. With the historiographic literature review, three basic formulations were found: “geography is not other sciences”, “geography is not unanimous knowledge” and “geography is not purely academic”. The first gives geography a status of science by itself, predicate in its various areas of activity, being a polarization – in the face of pure interaction converging on the predicate phenomenon; the second points out that depending on the possible currents of thought, geography remains as an interaction to be polarized, including from philosophical lines; finally, the third indicates that geography is also phenomenic, present in education and in everyday life, being thought of in a depolarized in the facticity of the world. All these negative assertions allow us to understand that geography is a pure polarized interaction in predicates of areas and currents and depolarized on the horizon of experiences. Thus, the geographical non-being was groped in a journey of opening possibilities to the meanings of what is not geography and of knowing them more deeply.

Keywords: Geographic thinking, Ontology, Nadology, Non-being.

1. INTRODUÇÃO

[...] seríamos tentados a perguntar se o homem não está ameaçado por uma ruptura de equilíbrio entre seus próprios ritmos de pensamento e os ritmos de evolução dos mecanismos que pôs em marcha. Mas isto já não é assunto de estudo geográfico (George, 1966, p. 29).

À guisa de construção, compreende-se acerca da ontologia o estudo do ente em sua apresentação em ser; dessarte, estuda-se não apenas o que é, mas também, o que não é. Alude-se, então, a uma contradição interna ao ser reiterada pela máxima: “não há nada no céu e na Terra que não contenha em si o ser e o nada” (HEGEL *apud* SARTRE, 2015, p. 54). Dessa forma, abre-se a discussão de um “si” que aporta seu ser, que é, e seu não-ser, que não é. Intenciona-se, aqui, pensar na própria ciência geográfica ontologicamente, isto é, orientada por “um outro sentido possível para a ciência: uma *ciência existencial*. [...] o que implica uma essência existencial da própria ciência” (MARANDOLA JR, 2021, p. 42, destaque do autor). Assim, possibilita-se pensar na ontologia da geografia. Com isso, tem-se o impasse investigativo, pensar-se-á no ser da Geografia e, mais especificamente, no não-ser que se irrompe em seu âmago.

Há mais. De antemão, aos passos de Lacoste (2012, p. 22) que diz “a geografia serve, em princípio, para fazer a guerra”, poder-se-ia dizer que a geografia não serve, em princípio, para fazer a paz? Discutir “para que não serve a geografia” parece ser um caminho com enfáticas considerações para essa ciência. Caso se afirme que a geografia é (em primeiro de seu ser) para guerra e não é (em primeiro de seu não-ser) para a paz, menciona-se uma possibilidade a ser verificada no caminho do estudo de seu não-ser. Expõe-se, enfim, aquém da indagação “para que não serve a geografia”, a principal questão a ser trabalhada: “o que não é geografia?”.

De modo a apresentar um pertinente estudo acerca da nadologia geográfica, tem-se a breve seção de Brunhes (1964, p. 306, tradução nossa): “O que é e o que não é geografia”¹. Convoca-se refletir ao que vem a não ser a geografia; ainda que sem uma concepção de ontologia evidente, encontra-se uma colocação existencial: “Os geógrafos não devem duvidar jamais o que pertence a geografia e o que não depende dela. Além disso, os não geógrafos (artistas, arqueólogos, historiadores, economistas etc.) devem desistir de solicitar à geografia explicações errôneas ou pouco caprichosas”². (ibidem, p. 307, tradução nossa). Nesse compasso, há uma convocação rumo à autonomia da geografia frente as outras ciências, ademais, também à autenticidade, a partir de seu compromisso com a sua generosidade.

O caminho aberto, assim, assente prospectar uma relação entre a epistemologia e a ontologia. Ao passo de compreender o interesse da epistêmica, tem-se que: “A palavra epistemologia significa, etimologicamente, 'discurso sobre a ciência' ou 'teoria da ciência'. Estuda, não o conteúdo, mas a forma da ciência” (ZILLES, 2005, p. 34). Em outra concepção, ao passo de Hessen (1980), convoca-se pensar na epistemologia enquanto a própria teoria do conhecimento, mas, pensando-a no *lato sensu* (geral) pelas correntes da filosofia e *stricto sensu* (específica) nas filosofias de cada ciência; como a filosofia da geografia. Nisso, entende-se um questionamento sobre o próprio modo de ser (ontológico) desta ciência, aqui, no caso, a geografia; nessa ligação existencial, guia-se que “o pensamento científico define-se como uma evidente promoção da existência. [...] a ciência propõe-nos um existencialismo pela ação enérgica do ser pensante” (BACHELARD, 2006, p. 22). Com isso, afere-se perscrutar a ontologia da epistemologia da geografia de modo a pensar, não somente no ser, mas também, em seu não-ser.

¹ Tradução livre de: “Lo que es y lo que no es geografia. ”

² Tradução livre de: “Los geógrafos no deben olvidar jamás lo que pertenece a la geografia y lo que no depende de ella. A mayor abundamiento, los no geógrafos (artistas, arqueólogos, historiadores, economistas, etc.), deben a su vez renunciar a solicitar de la geografia explicaciones erróneas o cuanto menos caprichosas. ”

No horizonte do não-ser, procurar-se-á compreender a geografia nas vias obscuras do nada, basta ver que ao dizer-se que algo não é, entende-se, é dizer algo afirmativo sobre esse ser. Como destaca Moraes (2007) acerca da epistemologia da geografia, sobretudo a partir da década de 70, aumentam-se, cada vez mais, perspectivas geográficas: a fenomenologia, o estruturalismo, o existencialismo, o neopositivismo, o marxismo... são linhas de pensamento que “abrem à discussão geográfica caminhos até então nunca trilhados, o que vai multiplicar as dificuldades existentes para definir a matéria tratada por esta disciplina” (ibidem, p. 45). Essa posição sugere uma preocupação, pois o mecanismo ôntico da multiplicação é a divisão, as células dividem-se para multiplicar, resta saber que corpo será formado para a ciência geográfica em seu processo de multiplicidade.

As divisões da geografia instauram um questionamento em relação a sua totalização, logo, necessita-se de um trabalho epistemológico profundo que, do ser múltiplo, abraça o não-ser uno. Questionar seu não-ser, portanto, mostrará o uno, o qual não é a geografia, mas, ainda assim, é uma afirmação constada no âmago de seu ser, o não-ser geográfico. A epistemologia da geografia muito revela sobre sua ontologia, inclusive sua nadologia, a julgar por Moraes (2007), que, embora sua preocupação ontológica não seja uma consciência tética, aponta a seguinte proposição:

Na verdade, as máximas, os princípios e, principalmente, o trabalho de pesquisa, engendrado em anos de atividades (quase dois séculos de Geografia), acabam por constituir um temário geral, ao qual se associa à designação de Geografia. Isto só facilita em parte a tarefa de definir esta disciplina, pois fornece uma indicação genérica e implícita da matéria por ela tratada. **Serve mais para dizer o que não é Geografia, do que para definir-lhe o objeto.** O temário realiza a circunscrição mais abrangente do domínio do conhecimento geográfico (MORAES, 2007, p. 45, grifo nosso).

Destarte, permite-se conhecer o não-ser da geografia, *a fortiori*, compreendendo sua trilha histórica. É-se, então, um caminho de análise, uma verdadeira metodologia, afinal: “A história do pensamento geográfico tem como cerne a própria questão ontológica do que é ou não é Geografia” (FONSECA; CARACRISTI, 2011, p. 12). O pensamento geográfico encontra, conseqüentemente, unidade em sua história que é sendo seu não-ser. História não é geografia, assim, as vias do não-ser geografia, encontrando unidade, estão abertas nessa disciplina. Ademais, destaca-se aqui a geografia iniciada por minúscula enquanto conceito em construção da fenomênica científica.

Firma-se, por conseguinte, que para saber o que é geografia pensar-se-ia em uma disciplina geográfica; em alternativa, para o que não é geografia ter-se-ia, pois, uma disciplina de cunhos histórico, filosófico, antropológico, político, ideológico, estudos clássicos... um pouco de tudo, para com todos esses conhecimentos que não são geografia, da unidade de seu não-ser, mostrarem o que ela é. Só uma disciplina que não é – ao menos majoritariamente em sua temática – geográfica para conter em seu coração a unidade da geografia. Logo, concebe-se que, “se um nada pode existir, não é antes ou depois do ser, nem de modo geral, fora do ser, mas no bojo do ser, em seu coração, como um verme” (SARTRE, 2015, p. 64). Perpassa-se, desta maneira, a entranha epistêmica da ontologia da geografia, nadificada para desvelar seu ser.

Evidencia-se, aqui, essa interligação com a visão acerca do conhecimento para Sartre (2015, p. 285) concebida a partir da nadificação: “é fora, sobre o ser, que há um mundo que se revela a mim”. Nisso, afigura-se um preâmbulo do conhecimento a ser construído pelo nada que recobre o ser ao se considerar que o conhecimento do não-ser permite delimitar o que é. Saber que uma cidade não é a atmosfera, os lagos, os rios, o sol, a galáxia, o universo... tirando-se todas as camadas de não-ser que pairam sobre a cidade; findado esse trabalho ontológico, permite-se compreendê-la. Em uma abertura poética, exemplifica-se que assim como “Michelangelo procurou sempre conceber suas figuras como se estivessem ocultas no bloco de mármore em que ele trabalhava, a tarefa que impunha, como escultor, era simplesmente remover a pedra que as encerrava” (GOMBRICH, 2018, p. 237). O trabalho de Michelangelo, tirando do mármore o que não é a escultura, assemelha-se ao do

epistemólogo da geografia no desvelar de sua ontologia. O nada que cobre a geografia deve ser escarificado, construindo a abertura.

Destarte, o estudo da história do pensamento geográfico é uma baliza para se deparar com o que não é geografia; afinal, pode-se dizer que geografia não é um unicórnio – um conhecimento não muito relevante –, mas, com um estudo de autores da geografia, pode-se encontrar algo como: “Não representa o menor dos interesses nem o menor dos papéis da Geografia a revelação da diversidade da marca deixada pelo homem sobre o seu planeta, a descontinuidade das formas dessa marca e, também, as contradições entre as tendências uniformizadoras e as crescentes deformações” (GEORGE, S/D, p. 208) ou “A geografia não é, de início, um conhecimento; a realidade geográfica não é, então um ‘objeto’; o espaço geográfico não é um espaço em branco a ser preenchido a seguir com colorido” (DARDEL, 2011, p. 33). Reserva-se, tão logo, que a geografia não busca uma compreensão universal, mas dinâmica, não de marcas, mas de movimentações. Os horizontes da nadologia geográfica abrem-se, ademais, pela própria pesquisa quando em direção às não-geograficidades.

Alerta-se, de antemão, que ao responder a questão guia, ampliam-se as possibilidades, pois há infinitas posições afirmativas do que não é e para que não serve a geografia. Concebe-se, porém, como foco, delinear um caminho que permita conhecer o não-ser da geografia na prática de esculpir o ser geográfico. Focar-se-ão, sobretudo, em autores nos quais as sentenças negativas aparecem frente à geografia. Eis, mais do que uma revisão epistemológica, uma revisão dos cientistas no que tange à epistemologia através da nadologia geográfica. Conforme adensa-se o tema, deve-se aprofundar melhor a concepção da historiografia acerca do não-ser, aberta na próxima seção (de percurso *lato*), marcando-se filósofos que, ainda que distantes da preocupação geográfica, permitam coligar reflexões para a nadologia geográfica. Por conseguinte, na seção que prossegue (na orientação *stricto*), discutir-se-ão autores da geografia em suas posições negativas. Com isso, margeiam-se certas conclusões – ou ao menos caminhos – sobre o que não é geografia. Logo, tem-se a pretensão de uma busca, reiterando-se, mais uma vez, por conhecer o não-ser geográfico em uma discussão solícita à diversidade de abordagens.

2. O PROBLEMA DO NADA

Para que a totalidade do ser se ordene à nossa volta em forma de utensílios, fragmentando-se em complexos diferenciados que remetem uns aos outros e têm poder de servir, é preciso que a negação surja, não como coisa entre coisas, mas como rubrica categorial que presida a ordenação e repartição das grandes massas de seres em forma de coisas (Sartre, 2015, p. 67).

Como discutido, prospecta-se que, para adensar uma nadologia geográfica, faz-se necessário historicizar o pensamento nadológico na filosofia para, por conseguinte, transpassar-se à geografia no âmago de seu não-ser. Essa discussão alicerça-se, especialmente, no estudo de Galgano (2009) sobre a questão do não-ser na Antiguidade greco-romana. É-se, então, pela chamada “escola eleática” que houve o começo dessa polêmica. Nela, incluem-se, não sem controvérsias, cinco pensadores: Xenófanes, Parmênides, Zenão, Melisso e Górgias. Dentre os precursores a estudarem essa categoria filosófica, o primeiro a abrir a questão do não-ser foi Parmênides de Eleia (VI a.C.) e, logo após, Melisso de Samos (V a.C.), ambos pré-socráticos. Assim, há poucos fragmentos – pequenos trechos de suas obras perdidas – e doxologias – comentários de autores que os leram –, com uma pequena exceção do eleiano o qual foi um dos autores estudado por Platão, permitindo, um conhecimento um pouco maior de suas proposições. Disso, atende-se, por Galgano (2009, p. 6), que “a noção de não-ser de Parmênides aponta para a contradição (noção ontológica); a noção de não-ser de Melisso aponta para o nulo (noção lógica)”. Essa é, pois, a primeira perscrutação a se refletir.

Dessa forma, afere-se aos filósofos que o primeiro, Parmênides, situa o não-ser enquanto o que não é em absoluto; não sendo nem o não-ser, ou seja, não se opondo ao ser, mas sediando uma

contradição, uma aporia máxima. Transpõe-se pela doxografia de Aristóteles, no livro “Metafísica”, quando diz que o pensamento de Parmênides admite “que fora do ser o não-ser nada é, forçosamente admite que só uma coisa é, a saber o ser, e nenhuma outra...” (PARMÊNIDES, 1989, p. 85). Inadvertidamente, o segundo, Melisso, entende o nada enquanto não-ser (sendo o que não se é), passível de construção lógica. Isso posto, no fragmento dito por Simplício sobre Melisso, diz-se: “Sempre era o que era e sempre será. Pois, se tivesse vindo a ser, necessariamente nada seria (existiria), antes de vir a ser. Por conseguinte, se nada fosse, de modo algum algo viria a ser de nada” (MELISSO, 1989, p. 18). Com isso, o ser gera o nada, mas o nada nunca irá gerar ser. Portanto, nas visões de Parmênides e Melisso, respectivamente, pode-se posicionar o nada enquanto não-ser ou enquanto sendo o não-ser oposto ao ser e gerado por este.

Em vista disso, ao se refletir geograficamente com Parmênides, a geografia é somente o que é, sendo que o que não a é seria inapreensível, pois o nada é absoluto não-saber, não-conhecer e não-apreender. Com esse autor, o não-ser geográfico é absoluto, inexistência pura, logo, não é passível de discussão. No entanto, por Melisso há um prelúdio a um modo de se conceber o que não é geografia, haja vista que seria a partir do que contradiz a geografia (não necessariamente por ser oposto). Pode-se, por exemplo, dizer que a geografia não é geologia, encontrando um não-ser a partir, e somente, de um outro ser. Afinal, por Melisso, ser gera não-ser, é assim que este vem ao Mundo. Com isso, engendra-se uma breve posição de como seriam os encaminhamentos acerca do que não é geografia por intermédio desses dois autores.

Ao prosseguir a historicidade do não-ser, tem-se que, então, “criticando o não-ser do eleatismo, mas cada um de um lado diferente: Górgias e Platão” (GALGANO, 2009, p. 137). Progride-se no caminho de Górgias de Leontini (IV a.C.) e Platão de Atenas (IV a.C.), ambos pós-cedem a discussão em um aspecto muito semelhante ao de Melisso, admitindo uma compreensão do não-ser; contudo, aprofundam como “negação” a aporia. Um e outro estão focando em desconstruir a contradição do não-ser que é; não tornando absoluto o não-ser como fez Parmênides, mas, encaminhando na linha de superar Melisso, uma logicidade que compreenda essa aporia imbricada de maneira a tornar coerente a distinção. Desta forma, prossegue-se o diálogo nadológico.

O livro de Górgias, “Tratado do não-ser”, pode ser entendido como um texto tanto filosófico quanto satírico devido às suas idiossincrasias das oposições. Ele propõe, em flagrante contradição, a seguinte tese em um fragmento: “Que o não-Ser não existe, já estamos de acordo; por outro lado, ficou claro que próprio Ser tem existência idêntica à do não-Ser; portanto, também o ser não existirá... De tudo isso, conclui-se que nada é” (GÓRGIAS, 1993, p. 75-76). O filósofo preconiza, então, não a oposição do ser com o não-ser (como fez Melisso), mas ambos situados na mesma condição de serem. Essa possibilidade permite atribuir ao não-ser um juízo, ou seja, conceber afirmações, apreendendo que “nada é”, assim, vindo ao mundo, o nada é o não-ser. A fim de abrir, ainda mais, as veias epistemológicas a partir do nada gorgiano, pode-se propor o que *a não-geografia é*; disso, se é, seria possível conhecê-la. Ademais, não necessariamente se conhece o ser da geografia pelo que seu ser gera não o sendo (como faz Melisso), mas, no entanto, indica que o não-ser e o ser estão na mesma categoria de serem, o primeiro como sendo inexistência e o segundo, como sendo existência.

Em uma leitura geográfica, tendo que o inexistente é o não-ser, é cabível pensar na ontologia geográfica a partir tanto ao espaço geográfico, marcando o “onde”, quanto ao tempo geográfico, marcando o “momento” (GEORGE, 1969); na perscrutação das ausências e inexistências. Essas situações do não-ser encontram-se pela nadosfera da geografia existencial (LOPES, 2021). Compreende-se, ao pensar que nada é, a interferência do que não está no recorte (mas na nadosfera), e que o influencia. Exemplificando, do caminho especulativo ao prático, há a possibilidade de cogitar-se ser a inexistência de cobertura vegetal, mesmo sendo um não-ser, o motivo dos deslizamentos de encostas causando desastres urbanos em áreas de risco: nada é, sendo, há possibilidade de atuação. Conclui-se, portanto, que o não-ser possui atividades que influenciam o ser, de outra forma ele pode ser atuante de fora tanto na ausência em um sistema fechado quanto na inexistência dentro de um sistema aberto ou fechado.

Ainda, de modo mais alarmante, pode-se pensar em riscos urbanos justamente pelas ausências e inexistências como de: salubridade, estabilidade do terreno, condições de habitar outro lugar... Deste modo, abre-se, no estudo nadológico tanto de um *onde* (meio) ou de um *quando* (momento), a importante necessidade de reconhecer a atuação não apenas do ser quanto do não-ser. Com isso, imputa-se que, com Górgias, a possibilidade de conceber, a partir de sua teoria, uma reflexão geográfica, é de veras pertinente.

O segundo autor que defronta com o eleatismo, Platão (S/D), indica uma visão bem própria, sobretudo no discurso do livro “Sofista” no diálogo de Teeteto e o Estrangeiro (Platão). Nesse texto, o não-ser será perspectivado a partir da negação do outro, que não se é o ser. O Estrangeiro diz: “Uma vez demonstrado, com efeito que há uma natureza do outro, e que ela se divide entre todos os seres em suas relações mútuas, afirmamos, audaciosamente, que cada parte do outro que se opõe ao ser constitui realmente o não-ser”. (ibidem, p. 246). Ainda, em outra fala, o Estrangeiro complementa: “o ser, incontestavelmente, milhares e milhares de vezes não é, e os outros, seja individualmente, seja em sua totalidade, são sob múltiplas relações, e, sob múltiplas relações não são”. (ibidem, p. 246). Essa, pois, é a tese que será mais difundida e retrabalhada acerca do não-ser até a contemporaneidade: o não-ser como negação e o ser, afirmação. Uma floresta não é uma cidade, isso é seu não-ser (um outro), ao mesmo tempo que faz parte de seu ser, por afirmar uma qualidade verdadeira, porém, negativa sobre si mesmo.

Logo, ao pensamento platônico, se geografia não é filosofia, faz parte de seu ser o não-ser filosofia, por ser uma outra disciplina. Um objeto de estudo geográfico, como o estudo de uma dada região, tem em seu ser o que é, mas como seu não-ser tem-se tudo que transpassa seu recorte no meio e no momento. Como já visto em Górgias, é possível ponderar-se que o que não é a região pode muito bem influenciá-la. Isso se dá porque, na explicação de Platão, a negação direciona-se a um outro que exista: a região existe, e não-é o que excede suas fronteiras, entretanto, esses elementos existem, mas agindo como não-ser a região. A questão implica que dizer, por exemplo, “esta região não é natural” é uma verdade pela via do não-ser (ao dizer “não é”), sendo correlacionado com um outro ser: “a região que é natural”.

O não-ser geográfico platônico seria todas as negações que se podem dizer acerca da geografia, com a condição de esse não-ser, ser outra coisa. Dizer que “A geografia não é uma ciência do passado”, implica que o passado existe e só por existir, sendo um outro, permite ser um não-ser. Contudo, isso sugere que dizer “a geografia é uma ciência do presente” e impõe a ela poder ser o não-ser de outras ciências, seria dizer, então, que se “a história é a ciência do passado”, por isso, não poderia haver uma história geográfica nem uma geografia histórica, uma dogmática. Correto, pois, na linha pierregeorgiana, seria dizer, quanto à temporalidade, que “a geografia é a ciência do momento”.

Nota-se aqui, que as existências possuem, na perspectiva de Platão, múltiplas relações, portanto, quanto às existências, fazer uma afirmação compete negar outra e negar compete fazer uma afirmação de outra. Esse é o transpassar associativo entre os seres e os não-seres, cabível, como exemplificado para a questão regional ou temporal da geografia, de permitir reflexões instigantes da ontologia à epistemologia. Dessarte, até aqui perscrutou-se o mundo grego em suas filosofias nadológicas, agora, pode-se prosseguir em um diálogo mais pontual de autores que possuem análises da ontologia a partir do nada e poder-se-ia pensar em Hegel, Heidegger e Sartre recentes em posições coligadas ao ser e com pressupostos semelhantes ao platônico. Contudo, focar-se-á nesse último autor, como característico do pensamento acerca do Nada.

Anteposto, há necessidade de mais uma menção, no que tange ao não embarcar diretamente no europeísmo. Pensar-se-á em um grandioso filósofo, comentador sobretudo de Platão, o primeiro a conceber a posição de contradição que resvala no próprio ser. Para isso, admite-se a posição de Al-Fārābī, da persa (IX d.C.), tido como “O segundo filósofo” (o primeiro sendo Aristóteles) para a filosofia em árabe. Ele, ao ser questionado sobre “a natureza dos contrários”, responde que: “Em geral, a existência de contrários não é a não existência do outro contrário, mas em cada um dos

contrários há não existência do outro contrário, porque [se não houver em cada contrário a não existência do outro contrário] não haveria alteração do corpo de um contrário para outro” (AL-FĀRĀBĪ, 2011, p. 32, acréscimo do tradutor). Essa visão é muito eficaz porque permite compreender o não-ser como interno ao ser. Dessarte, tomando algo, o contrário do contrário não volta nesse algo, então, a relação não tende a retornar e o nada habita o ser, ou seja, tomando algo: o contrário desse não possui um ser que volta nesse algo. O nada está imbricado no ser. Ainda que sua posição esteja restrita ao contrário e não à negação, à maneira platônica, compreende uma visão que não trabalha com dois polos entre o ser e o nada, aproxima-se, pois, da visão contemporânea da ontologia fenomenológica acerca do nada.

Dessa forma, refletindo na teórica de Al-Fārābī (2011), o contrário da geografia não poderia admitir nele um contrário que retorne a ela. Se o contrário da geografia fosse tido como a sociologia, o contrário da sociologia não seria a geografia, pois seu contrário habitaria em si e não no que a opõe. Essa leitura questiona o ser nele mesmo, fornecendo uma concepção de que o ser só é ser pelo nada que o é a partir de não o ser. Posto isto, ser e nada mostram-se conexos, auxiliares na forma de um ser-não-ser (ser+nada), correspondendo a um todo. Um clima, por exemplo, seria tudo que é, somando tudo que não é; o ser mais o não-ser dão a totalidade ontológica. Essa percepção do autor assemelha-se demasiadamente com a atual, na abertura tanto de coligar o ser e o nada, quanto de tecer a totalidade a partir do ser na correspondência com seu nada.

Ainda que o modo da Antiguidade, e até pela posição em árabe, possuam procedimentos teórico-metodológicos possíveis, resta situar um outro importante autor contemporâneo que destaca com grande aprofundamento essa questão. Tem-se, pois, pela ontologia fenomenológica de Sartre (2015) em “O Ser e o Nada” um mecanismo próprio que trabalha o ser e o nada de modo a dimensionar um esquadramento muito eficaz ao pensamento nadológico, irrompido pela filosofia contemporânea. Com ela, reflete-se mais um modo de concepção, nem melhor, nem acabado; mas certamente a obra mais complexa e aprofundada que toma especificamente a questão nadológica como sua pretensão de compreender.

Ao passo de situar a nadologia de Sartre (2015), compreende-se que sua visão pelo ente, que transcende (*onto-logia*), admite o ser e o nada nessa elevação. Rumo à facticidade fenomenológica do nada em relação ao ser: “Reencontramos o não ser como condição de transcendência do ser” (ibidem, p. 90). Um ente em seu ser transcendido é tudo que é e, inclusive, tudo que não é. Concebe-se, na negação, que cada negatividade será seu não-ser, sendo: “Cada qualidade do ser é todo o ser”. (ibidem, p. 736). Ademais, conhecer o nada na leitura sartreana é o próprio modo de conhecer, pelo nada o ser vem ao mundo; ainda, acerca da existência, atenta-se: “O homem é o ser pelo qual o nada vem ao mundo” (ibidem, p. 67). Assim, tece-se uma máxima temporal nadológica de que: “O que separa o anterior do posterior é precisamente nada” (ibidem, p. 71). Desse modo, o que é não se precede e nem pós-cede, ou seja, um recorte temporal é o que é, mais o que não é antes e depois. O tempo é um todo, não passível de divisão ontológica – passado, presente e futuro –, haja vista que ao tomar um recorte, o que está “fora” é conexo ao delimitado a partir do nada. Consequentemente, poder-se-ia pensar na temporalidade e, também, na espacialidade enquanto totalidades ontológicas. Caminha-se, por fim, após abertas algumas das principais postulações de Sartre, ao encontro do fundamento mais salutar: “o Nada que deve ‘ser tendo sido’ deixa de sê-lo, é expulso, na medida em que o Para-si preterificado se torna uma qualidade do Em-si” (ibidem, p. 203). Isso indica o Em-si, que é o que é, e o Para-si, que é o que não é e não é o que é, o modo de síntese completa entre o ser e o nada. Essas são sentenças basilares da compreensão nadológica na perspectiva sartreana.

Com isso, transpondo a teoria para uma reflexão geográfica, Sartre (2015) permite vislumbrar a geografia mantendo a ontologia em uma fenomenologia, ou seja, em apenas um polo concebe o nada no coração do ser, logo, permite situar o não saber geográfico como fonte de saber geográfico. Portanto, o que não é geografia torna-se um caminho para saber sobre seu ser. Enfocando-se no não-ser, verifica-se que se aloja justamente no que prospecta a geografia, retornando ao fato de que só uma disciplina não geográfica para dizer sobre o que é geografia – no caso: história, filosofia,

antropologia, psicologia etc. –, ainda, permitindo relacionar as ausências e inexistências com as presenças e existências. Nisso, pode-se pensar a nadofera em relação à entosfera e à ontosfera (LOPES, 2021). A possibilidade sartreana para pensar no não-ser geográfico é oposto a de Melisso (com ser gerando não-ser), a partir do não-ser escamoteando o ser.

Dessarte, a geografia, na posição sartreana, pode ser delimitada em seu Para-si rumo ao seu Em-si, analisando-a de fora para dentro, de sua externalidade pura (no encontro com seu não-ser), para sua interioridade-externalizada, concebendo a forma do que ela é. Se a geografia é uma ciência para a guerra (em primeira afirmação), também poderá, em uma aporia, ser para a paz (em primeira negação), haja vista que, ao se externalizar para a guerra (Em-si), interioriza-se para a paz (Para-si). Aqui, saúda um horizonte de resposta para o que não serve a geografia.

De todas as abordagens e, pontualmente, exemplificações transpondo a filosofia à geografia, teceram-se muitos caminhos possíveis para se pensar o não-ser geográfico. Não cabe aqui avaliar qual seria o melhor, afinal, “o mero fato de refutar formalmente uma teoria não exclui necessariamente sua verdade” (GADAMER, 2015, p. 452). A questão foi abrir algumas fontes para as possibilidades de como se situam as bases teórico-metodológicas à ontologia (na enfática da nadologia) da geografia. Ou seja, escolher um dos métodos constrói uma verdade provisória para encaminhar o não-ser geográfico, todos são possíveis e, outros, não abertos aqui também seriam. Contudo, apesar de várias abordagens não se torna menos compreensível o nada de geografia, apenas há muitos aportes possíveis.

Estabelecidos os elementos que compreendem a literatura greco-clássica, a necessária menção alfarrábica e de modo a representar a nadologia contemporânea sartreana acerca do não-ser, visou-se até aqui a instigar opções de leituras para o que não é geografia. Ressalta-se, enfaticamente, que não são autores com preocupações geográficas, mas com formulações que permitem essa relação, tomando a geografia em seu modo de ser e em seu modo de não-ser. Espera-se que as indagações tenham sido abertas com exemplificações que permitam evidenciar a complexidade que a questão pode atingir; muito longe de exaustão, caminhou-se para as situacionalidades. Por conseguinte, compreende-se a importância de prosseguir com um novo tom, propondo uma revisão acerca do que os trabalhos dizem sobre o que não é geografia, para, com isso, atingir-se algum patamar de conclusão.

3. NADA DE GEOGRAFIA

[...] é tão difícil imaginar o nada! Agora eu sabia: as coisas são inteiramente o que parecem – e por trás delas... não existe nada (Sartre, 2019, p. 115).

À vista disso, atentam-se às múltiplas facetas que se encaixam na teorização quanto à questão proposta, “o que não é geografia?”. Entende-se, na arte de perguntar, a descrição de que “a forma lógica da pergunta e a negatividade que lhe é inerente encontram consumação numa negativa radical: no saber que não sabe. É a famosa *docta ignorantia* socrática que abre a verdadeira superioridade da pergunta na negativa extrema da aporia” (GADAMER, 2015, p. 473). Dessa forma, assente-se que o horizonte da afirmação da pergunta proposta abre para o não-ser geográfico, sendo a negação da pergunta justamente o que ela é; no caso, tem-se então, no que é geografia, um saber que se sabe na negação enquanto o que não se sabe, contraditoriamente, encontra-se na afirmação. Essa inversão, devido à pergunta ser negativa é a chave para se tatearem as fronteiras (pelo lado negativo) da geografia, regionalizando-a de fora para dentro.

Muitas preocupações escondem-se no que não se é geografia, por vezes, soando como um apelo do que não se quer que a geografia seja. Lê-se: “A Geografia não é Física, nem Humana, é, pois uma Ciência que se utiliza de subdivisões do Espaço Geográfico para a compreensão de processos. Muitos se perdem no meio do caminho, pois defendem com vigor suas ideologias marcadas por uma Geografia dividida” (LATUF, 2007, p. 206). Logo, se a geografia não é dividida, ela é unida e, se há

uma “união”, é porque há mais de um elemento; entretanto essa união seria uma relação de partes. Só sendo partes para a geografia poder ser “dividida” e para ser inteira em “união” ela deve ser divisível em partes. Os processos se transpassam e coligam uma perspectiva plural, não visa um único processo, dessarte, a geografia não é dividida, mas também não é união dos processos (divididos) com capacidade de sê-la. Busca-se perscrutar a geografia inteira, não em um processo único e nem em vários processos diferenciais.

Ao passo de caminhar à noção da própria espacialidade geográfica, assente-se ao nada de geografia; isto é, a espacialidade é nadológica. Essa noção é caminhada ao que: “Teoricamente, o vazio é o nada, que a praticidade do universo identifica como uma forma do real existir. O nada pode ser pensado como o não-ser. O não-ser possui uma espacialidade relacional: os vazios são múltiplos” (SILVA, 2000, p. 08). Calcado a geografia na realidade da Terra (ôntica), em abertura da espacialidade; encontra-se abertura ao Mundo (ontológico), pertinente à geograficidade; defronte ao Universo (nadológico); engendra-se, assim, pela Terra-Mundo-Universo, a totalidade geográfica (LOPES, 2021). O nada irrompe ao real e ao mundano, pois é um universal, ôntico-ontológico. Essa, pois, é a correspondência da multiplicidade da geografia à sua nadidade una, frente a concepção de totalidade geográfica.

Dessarte, o não-ser geográfico é o nada de geografia a partir da realidade terrena, sendo que é pela nadidade que o ser advém; ratifica-se, ainda, que o primeiro contato com a espacialidade é a forma, haja vista marcar à consciência o que não é do que é: “A tendência é identificada com a configuração humana e especial que se põe ante a consciência, que dela remete à interiorização do real, que se expressa como forma. [...] É preciso começar do nada, do vazio” (SILVA, 1991, p. 3). É-se, do nada ao ser, do espacial à forma (irrompendo o real) e, por fim, do real-mundano-universal à geografia o trânsito para o não-ser geográfico.

Ademais, ainda que seja pertinente se pensar na questão espacial da geografia, sobretudo na questão de sua nadidade, afere-se refletir: “Geografia não é o mesmo que espaço, e possui um conteúdo de significado em que espaço é uma das categorias, entre outras, que a constitui” (MARTINS, 2007, p. 38). Disso visto, é importante pensar em uma abertura existencial da própria geografia, não enquanto a partir das categorias e conceitos adentro de si, mas ela nela mesma em sua possibilidade de vir a ser, afinal: “Ora, a geografia não é uma ciência de fatos isolados simples, passíveis de serem conhecidos por si e em si” (MONBEIG, 1954, p. 3). Na completude de uma geografia, resvala nela sua razão de ser, haja vista que seus objetos são geográficos sob a sua iluminação, isto é, da geografia provém o geográfico.

Em outro rumo, há mais a se pensar. Com um maior destaque à educação e ao cotidiano, verifica-se a perspectivação de que: “Ou seja, é necessário mostrar para esses jovens que a Geografia não é externa às suas vidas, eles fazem Geografia e ela permeia toda sua existência” (LYDIA, 2018, p. 13). Indicada a percepção da geografia enquanto existencializante, contempla-se a concepção de que não ser apartada do mundo da vida é mais uma formulação virtuosa a ser compreendida, marcando a experiencialidade da geografia. Além de não ser una, também não é metafísica. Ademais, a geografia é uma abertura educativa por não ser distante dos jovens, da vida, da experiência e da existência. A geografia não é um conhecimento para privilegiados, mas para todos.

Ao passo da educação superior, Lacoste (2012, p. 226) adverte que “a geografia [...] na comunidade científica ela é objeto de polida indiferença ou de uma indagação de sua razão de existir”. Eis, pois, a necessidade de reaver a sua própria ontologia. O caminho, assim, está evidente e enigmático, sendo-o ratificado que a indagação deve ser a própria geografia – por isso a questão não é, por exemplo, “o que não é espaço?” e sim “o que não é geografia?” –, mas obscuro (ainda) enquanto suas entranhas a serem perscrutadas. Assim, deve-se opor-se ao que “foi inculcada uma concepção de geografia que se proclama ‘científica’ e que não é, na realidade, mais do que uma concepção acadêmica, uma vez que ela reduz um saber, cuja razão de ser é a ação, a um discurso ‘desinteressado’” (ibidem, p. 229). Dessarte, o ser da geografia deve ser pensado, tanto quanto seu não-ser geográfico, ao passo de se orientar que o seu não-ser desvela o seu ser.

A preocupação de se delimitar o que não é geografia aparece, sobretudo, na intenção de ensinar a geografia. Preocupação salutar a qualquer epistemólogo e, sobretudo, ontólogo dessa ciência. O próprio historiador da geografia, mesmo que de modo não-tético, ensina-a pelo que não a é (história). Inadvertidamente, observa-se que a edificação educacional parece estar sendo prospectada do avesso, constrói-se a educação em epistemologia através do nada ao ser: e isso não é um problema. Para a concepção geográfica sua própria natureza deve ser aberta adentro das áreas, correntes e na própria experiencialidade. Encontram-se, portanto, preocupações profundas a serem adensadas.

No percurso da ontologia da epistemologia da ciência geográfica, aponta-se a necessidade de se prospectar uma visão nadológica da geografia de uma forma mais organizada. Muito há o que não se identificar na geografia, assim, concebem-se acepções fundamentais ensinadas, direta ou indiretamente, no caso acadêmico, pela disciplina de “História do pensamento geográfico”. Com isso, visam-se três tópicos, ditos de antemão, que serão contemplados: “a geografia não sendo outras ciências”, “a geografia não sendo um conhecimento unânime” e “a geografia não sendo puramente acadêmica”. Desses pontos, abre-se, em pretensão, uma discussão epistemológica mais densa ao não-ser geográfico rumo às fronteiras de seu ser, a partir de três afirmações negativas que pretendem evocar, por sua vez, algumas respostas sobre “o que não é geografia?”.

3.1. A geografia não é outras ciências

Neste primeiro tópico, menciona-se o fato de que entre os epistemólogos da geografia pontua-se “quase unanimemente, que uma de suas razões capitais de ser é o estudo das **interações** entre o que eles chamam os ‘fatos físicos’ e os ‘fatos humanos’”, por isso, “a geografia não decorre nem exclusivamente das ‘ciências naturais’ nem tão-somente daquilo que se convencionou chamar as ‘ciências sociais’” (LACOSTE, 2012, p. 93, grifo nosso). Desse modo, atende-se ao caráter de a geografia, ainda que ligada ao homem e à natureza, não ser uma ciência natural e nem social. Nisso, aponta-se para ser categorizada enquanto outra coisa, talvez uma ciência humana. Portanto, se há uma interação entre os dois elementos, permite-se, de maneira caótica, evocar um fenômeno terceiro, distinto da mera soma dos dois. Pode-se, inclusive, pensar em “três categorias principais de geógrafos: os que privilegiam a natureza, os que insistem na **interação** homem-meio (natural) e os que tentam propô-la como uma ciência social” (SILVA, 1978, p. 115, grifo nosso). Deste modo, a geografia não é uma, nem tampouco dividida. A geografia é interação.

Em uma perspectiva originária, isto é, pela visão de La Blache (1954, p. 27), devido ao caráter não somente humano, mas também, natural da geografia; mesmo “a Geografia humana não se opõe, portanto, a uma Geografia que não se preocupe com o elemento humano; aliás, tal ideia só poderá ter germinado no espírito de alguns intolerantes”. Dessarte, aqui está o preâmbulo histórico do que vem a ser a integração geográfica. Ademais, ao passo de perceber analogia com a noção de nadosfera, contempla-se que: “A área de distribuição de uma espécie, quer se trate do homem ou de qualquer outra espécie viva, não é menos instrutiva pelas lacunas e soluções de continuidade que revela, do que pelas extensões que abrange” (ibidem, p. 49). Pensar a geografia enquanto interação do homem e a natureza, de modo a valorizar tanto o que é quanto o que não é no espaço encontra, pois, raízes longevas.

Essa interação, existente inclusive nas ausências e inexistências (através da nadosfera), é compreendida a partir da relação humana: “a Geografia é antropocêntrica, mas não apenas pela mesma razão pela qual assim é toda a Ciência, isto é, pelo fato de que somente o homem estuda as ciências. O objeto da Geografia, o mundo – até mesmo nas partes desse mundo em que não há homens – é encarado como o mundo do homem” (HARTSHORNE, 1978, p. 47-48). Tal explicação adverte uma questão primordial da geografia, que é trabalhar com o que não é humano. Esse caminho é sua principal via ao não-ser, logo, a geografia não é ignorante acerca do nada. É integrado ao ser humano o não-ser humano na geografia, há uma interação entre seres e não-seres em seu estudo. Vê-se, pois

a geográfica interação nadológica: a geografia é uma ciência existencial não somente por convocar o ser, mas também o não-ser.

Há mais. Ratificando essa resolutive, compreende-se que: “O estudo de um elemento do quadro natural regional ou local e de suas transformações não é de essência geográfica se for considerado como um fim em si mesmo. De fato, neste caso não sai do domínio das ciências naturais” (GEORGE, 1966, 19). Isto posto, não só a geografia não é, no caso, uma ciência natural, quanto não pode vir a ser uma ciência natural. Logo, a essência do ser da geografia encontra em sua razão, pelo visto, a interação, pois, nesse compasso, nem ciência natural e nem ciência social, necessariamente, ela pode ser. Dessarte, nisso, para todos os casos, ela não pode ser nem somente natural e, também, nem tão somente humana. Ademais, projeta-se que “Já não se trata mais de perguntar se a Geografia é uma ciência, mas de como se determina a sua unidade” (LENCIONE, 1999, p. 203). Ora, para a geografia ser múltipla, diversa, aberta inclusive para noções que apareçam no futuro, a sua unidade deve se encontrar pelo não-ser.

Nesse caminho da necessidade de não-ser, permitem-se centelhas mais antigas. Ainda nesta compreensão do que não pode ser a ciência geográfica, assenta-se que para Hettner (2011, p. 144), “A Geografia não pode se limitar a nenhum reino específico da natureza ou do espírito, mas sim tem que abranger simultaneamente todos os reinos da Natureza e o Homem”. Desse modo, a concepção de integração encontra um estatuto mais autêntico, não sendo nem, nesse caso, uma ciência do homem, mas uma ciência da geografia; enquanto interação. É-se, também, pertinente pensar a argumentação de Hettner (1905, p. 619; *apud* WARDENGA, 2018, p. 11) em que “a Geografia seria, por fim, tal como todas as ciências, embora em grau diferenciado, simultaneamente nomotética e ideográfica”. Isso ocorre porque: “Ela não pode deixar de lado nem todas as relações, que são iguais por toda parte na Terra, [...] nem aquelas coisas cujas diferenças locais não têm, até onde sabemos, nada a ver com outros ambientes fenomênicos” (HETTNER, 2011, p. 150). Essa faceta, não ser nomotética e nem ideográfica, revela uma dinamização que essa ciência possui para atingir a sua interação e não ser nem natural e nem social, mas geográfica.

A geografia seria uma concepção sem polos, mas a própria relação de interação: nem natural e nem humana, nem natural e nem espiritual, nem ideográfica e nem nomotética. São acepções que conduzem à visão da interação como ausência de polos; ainda que permita ser polarizada, ao passo que, por exemplo, uma geografia histórica não poderá se tornar História, haja vista que “Ela necessita de uma concepção genética, mas não pode se tornar História” (HETTNER, 2011, p. 151). Chega-se, pois, na questão de como a geografia constrói suas áreas de estudo, sem vir a transpassar sua autenticidade científica.

Para aprofundar esse percurso, observa-se, inclusive, uma preocupação de se ratificar que a geografia não é outra ciência, mas é a si mesma. Em uma concepção histórica, remontando aos antigos teóricos de geografia, ainda em sua fermentação científica, lembra-se de que “Varenius tem a mesma visão de Estrabão, ou seja: há a necessidade de descrever os ‘fatores humanos’, porém, nem Estrabão e muito menos Varenius davam importância severa a estes preceitos, porque **geografia não é sociologia**” (NITSCHKE, 2020, p. 8, grifo nosso). Assim, a geografia social vem a ser uma área contemporânea, mas, na genética da geografia, não foi uma pretensão clássica. Ainda, “do mesmo modo que a geografia econômica não pode ser confundida com a economia, embora dialogue com essa disciplina, a **geografia não é história**: o discernimento das diferenças entre os dois últimos campos de conhecimento citados deveria ser algo minimamente conhecido” (CARNEIRO; MATOS, 2012, p. 39, grifo nosso). Essa marcação refere-se, sobretudo, à questão da geografia e sua relação com as demais ciências: a geografia urbana não é urbanismo, a geografia política não é ciência política, a geografia física não é geologia, a geografia filosófica não é filosofia... Nessa sequência, percebe-se que a geografia se mantém como interação em um complexo que tem outras ciências como predicções a polarizarem a enfática de um estudo geográfico autônomo.

Ao modo mais específico, segue-se na distinção de geografia e história, a formosa compreensão feita por Martins (2007, p. 41): “Enquanto a Geografia é especialmente definida em

Ritmos e Durações, a História tem sua temporalidade definida predominantemente nas Sucessões”. Dessarte, é-se interessante que na analítica da interconexão existencial das duas ciências, ainda que bem delimitadas e coligadas, entende-se margear a fronteira do ser e do não-ser, isto é: “E nessa força da relação entre a Geografia e a História, observamos a existência do ser, no momento entre o ser e o não-ser” (ibidem, p. 42). Com isso, assenta-se a compreensão de concepção coligativa e demarcativa das fronteiras do nada ao ser no esculpir ontológico da epistemologia da geografia.

Portanto, não é a geografia uma auxiliar, mas sendo pura interação abarca a totalidade e, assim, utiliza diversos objetos de estudo como polarização ao coordenar um sentido para o complexo do todo. Isso posto, a geografia é uma ciência sintético-analítica – da totalidade geográfica Terra-Mundo-Universo (LOPES, 2021) –, mas que em sua predicação constrói enfoques para encaminhar todos os feixes da interação do todo para um dado fenômeno do mundo. A geografia predicada em áreas ou correntes admite as polarizações que não é o todo e que não é uma parte. Por hora, criticaram-se as outras áreas que a geografia não as é; no próximo tópico, criticar-se-ão as correntes, aprofundando-se a discussão da geografia em seu modo de ser múltiplo pelas predicações (áreas e correntes).

3.2. A geografia não é um conhecimento unânime

Por conseguinte, com este segundo tópico, alude-se consoante ao fato de pensar na geografia em sua riqueza de correntes. Pode-se, de modo mais incisivo, dizer que: “É imprescindível que os geógrafos tenham relações com o poder e tais relações são necessárias para que a geografia não seja tão-só um discurso ideológico e que ela apareça como saber estratégico” (LACOSTE, 2012, p. 155). Refere-se, ainda que a geografia não seja uma ideologia, mesmo que possua ideologias, que discursos geográficos fundamentam sua história; geografia: determinista, possibilista, teórica-quantitativa, ativa, radical, crítica, humanista, cultural, existencial... e, inclusive, correntes ainda passíveis de surgirem futuramente. A geografia encontra sua unidade no não-ser: a geografia não é una. É por isso necessário pensar em: “Um conceito para unificar estes discursos, que tenha uma fundamentação ontológica. [...] A este conjunto poder-se-ia denominar *pensamento geográfico*” (MORAES, 2005, p. 31, destaque do autor). Desse modo, há, no pensamento geográfico, a unidade (que não é) da geografia. Só um conceito nadológico para dar cabo tanto de outras interpretações quanto de correntes futuras.

Enquanto base do pensamento geográfico, torna-se evidente que não há perspectiva unânime, por vezes, há embates tempestuosos entre as ideologias geográficas – tanto de correntes, quanto, também, de áreas –, escreve-se: “o objeto de estudo da Geografia não é pacífico entre os autores estudados” (CORREA, 2014, p. 79); ademais, ao pensamento geográfico: a geografia não é pacífica entre os autores estudados. Em vista disso, devido à geografia ser uma interação que se polariza, o embate situa-se na disputa dos objetos a serem polarizados e, também, na forma de polarizar; a polarização desenvolve áreas e o modo, as correntes de pensamento.

As preocupações acerca do que não é geografia, ao que parece, giram em torno da tentativa de se compreender em específico o que ela é. Os autores, tentando perceber o que ela é, parecem esquecer que o que ela não é: una; escancara-se como um ponto de conciliação. A geografia, mais que a possibilidade de uma ciência do ser, tem-se o ser dessa ciência enquanto múltiplo.

Portanto, permite-se dizer que a geografia não é física nem humana, não é social nem natural, não é criticística nem humanística, não é descritiva e nem explicativa... a geografia, não sendo individualmente esses predicados, é todos eles, ou melhor, é nenhum deles, é nada deles. “É sem dúvida porque seu interesse se dirige principalmente sobre os cortes epistemológicos que permitiram o aparecimento das ciências atuais e que a geografia não é, ainda, provavelmente conhecida por qualquer ruptura fundamental” (LACOSTE, 2012, p. 93). Essa asserção afirma que se a geografia não é “rupturada” então ela é inteira, mas passível de ser particularizada, sobretudo porque o “ainda” é um alarme desse excerto; assim, ela é interação: sintético-analítica. Desta forma, quanto à abertura

ontológica do que ela não é, corresponde, também, ao que “a geografia não é ainda”. O que o futuro aguarda é certo-incerto, certo quanto à abertura, incerto quanto ao que há um dia de predicar a geografia.

Na seguinte crítica, ao se marcar o pensamento geográfico do início do século XX, compreende-se que “não nos afastamos do problema do valor da geografia. [...] Se a geografia se reduzisse apenas a nomenclaturas, sem conteúdo filosófico, continuará imutável. A forma enumerativa nada mais é do que o fruto da ignorância crassa do que é a geografia” (MONBEIG, 1954, p. 9). Com a sapiência de que a geografia não é pura descrição, pura nomenclatura... mas algo bem mais profundamente filosófico, concebem-se, atualmente, como previsto por Monbeig (1954), a geografia, radicalmente, em conjunto com a filosofia; a geografia crítica com o materialismo; a geografia humanista com a fenomenologia e a geografia existencial com o existencialismo. O valor da geografia foi mensurado na revolução geográfica do século XX, produzindo as correntes contemporâneas pelo seu não-ser: todas elas questionaram dizendo que “a geografia não é” o que postula o positivismo.

Reconhecido que a geografia não era o que propunha a “geografia teórica-quantitativa” aludiram-se a outros caminhos aos quais ela poderia tornar-se a ser. Por esses trilhos, ao inserir-se em outras correntes filosóficas, a geografia aproxima-se com muito mais afinco da filosofia. As geografias crítica, humanista e existencial possuem uma história em comum: com os mesmos propósitos de construir uma ciência com fundamentação filosófica negando o positivismo. Neste passo do não-ser geográfico, vários outros seres geográficos surgiram.

Dessa maneira, na não unanimidade, encontra-se a disputa político-ideológica para qual corrente obtém mais fenômenos de seu interesse polarizados e se elevarem como disciplinas oficiais da geografia. Como exemplo, tem-se a conquista cada vez maior da presença da “geografia cultural”, e suas áreas, enquanto disciplina nas academias. Afinal: “a geografia não serve somente para sustentar, na onda de seus conceitos, qualquer tese política, indiscriminadamente” (LACOSTE, 2012, p. 25). A geografia possui suas próprias teses políticas, adentro das correntes, fundamentais para elencar o para que serve e o para que não serve, ou melhor, para quem serve e para quem não serve a geografia. Pelas correntes, o não-ser geográfico confere o caminho político, isto é, configurando as intencionalidades, o ser da razão da razão de ser geográfico. Contempla-se, pois, que predicções são irremediáveis para inexistirem, ainda que passíveis de se ausentarem em caminhos teóricos ou anárquicos.

Em análise interpretativa, há geógrafos sustentando que “o aprofundamento da base fenomenológica na geografia não é compatível com o humanismo” (REIS; SANTOS, 2019, p. 181); isso é um exemplo de ausência política sendo viável, mas não irrompe inexistência à geografia humanista. A geografia é uma ciência política, não como campo, mas enquanto modo de ser. Confirmando essa concepção, encontra-se em Moreira (1985, p. 15): “No seu termo mais remoto, a geografia nasceu entre os gregos, junto com o nascimento da filosofia, da história, do teatro. Por quê? [...] Porque foi na Grécia onde as lutas pela democracia mais ganharam profundidade e duração entre os povos da Antiguidade” Nisso, pois, implica, a geografia ontologicamente enquanto múltipla, interativa e política. O não-ser geográfico é uno, despolarizado, pensamento.

Consente-se, por fim, que a geografia não é unânime, nem tampouco deixa de ser um todo. Como perscrutado na introdução, pelo que não é geografia, tem-se sua unidade. Por esse motivo, concomita a seguinte percepção: “a Geografia não é uma ciência que estuda tudo, alicerçada, apenas, na racionalidade. Não há uma ditadura do método, como é colocado por Feyerabend, em que se impõe um único caminho para todo o conhecimento científico” (SALVADOR, 2012, p. 100). A geografia é um todo porque não é nenhuma de suas predicções ontológicas e não é nenhuma de suas predicções porque é um todo nadológico. Tudo que se possa dizer que a geografia é, na verdade, é uma polarização, mas a geografia não é polarizada.

Em arremate, indica-se a geografia pura como um fenômeno do mundo despolarizado, enquanto a geografia predicada é uma polarização de visionar o todo convergindo para uma parte

(por exemplo em geografia urbana, polarizar o urbano), ou seja, observando polarmente o todo (para-si) e a parte (em-si) simultaneamente. A geografia é interação porque a geografia não é una. Contudo, o vislumbre de seu não-ser é aberto no cotidiano, eis, pois, a geografia em si mesma; não polarizando, na experiencialidade. Essa é a contemplação do próximo tópico.

3.3. A geografia não é puramente acadêmica

Com este último tópico, encaminha-se uma nova discussão, marcada no rumo de que: “De pronto, começa-se a compreender que a geografia não é a disciplina simplista e maçante da qual se conserva, após o colégio e o liceu, uma lembrança mais ou menos vaga. Começa-se a perceber que a geografia é um saber fundamental” (LACOSTE, 2012, p. 220). De fato, o saber sobre geografia corresponde à profundidade do todo do seu ser, sendo que “essa indagação pelo ser é ao mesmo tempo uma indagação pelo nada, ele reúne o começo e o final da metafísica” (GADAMER, 2015, p. 345). Torna-se fundamental não só saber o que é, mas também o que não é. A geografia não é uma simplicidade, haja vista ser aberta para a complexidade, sendo um conhecimento necessário, pois ao conhecer a geografia, que não é o mundo, mas o todo da interação, compreende-se sobre o que o mundo não é, isto é, o mundo não é geografia. Negações são positivas ao ser, logo, a geografia concebe abertura para o mundo.

Destarte, além de a geografia não ser um conhecimento apenas científico, mas também científico-existencial aberto à experiencialidade, encontra-se outra importante margem a ser pontuada: o fato de a geografia não ser só uma ciência (predicante), mas também um fenômeno (despredicado). Concebe-se isso a partir de que: “É claro, há geografia e geografia. Essa palavra ao mesmo tempo indica realidades ditas ‘geográficas’ (tal cadeia de montanhas, [...], tal cidade existente há milênios ou séculos) e as representações – não apenas cartográficas – mais ou menos parciais que os geógrafos dão delas” (LACOSTE, 1989, p. 184). Constata-se que o ser da ciência geográfica admite uma concepção meta-científica, fenomênica, uma geografia ôntico-ontológica, ao passo que nas duas seções passadas, pensou-se na geografia ontológica.

Ainda, pensar nessas duas possibilidades adequa a distinção entre a Geografia e a geografia, essa enquanto a categoria científica e aquela o conceito científico. Na geografia tanto há a ciência que aparece, logo, um fenômeno, quanto o fenômeno epistêmico, ou seja, uma ciência. Contudo, a geografia, ao horizonte conceitual, é um fenômeno existencial e que recobre a realidade, a mundanidade e a universalidade geográficas; sendo a Geografia, seu horizonte categorial, rente às áreas e correntes que configuram a geografia. Através da geografia urge a Geografia – em áreas e correntes –, partindo da interação à encontrar sua institucionalização de estudo enquanto ciência. Isto é, Geografia é geografia, ligando a cientificidade ao conteúdo existencial e geografia é Geografia, haja vista ser uma fenomênica de forma científica. Enfim, há relação intrínseca e não dicotômica.

Dessarte, ainda acerca da geografia em representações científicas e enquanto fenômeno da experiencialidade vida, convoca-se dizer: “A experiência ensina que [...] quanto mais vasta é a matéria ainda não ou incompletamente conhecida ou mesmo incognoscível, tanto mais forte é a tendência a uma refinada arte representativa, como se apenas esta fosse capaz de tornar menos sensível a presença dos grandes problemas não resolvidos” (RATZEL, 1990, p. 55). Há, nessa concepção, a leitura de que uma geografia científica que se fundamenta na representação e não no existir, é fraca em corresponder a compreensão de seus estudos, isso independente da corrente em que esteja coligada. Visando uma ciência existencial, a própria perspectiva positivista de representações se esvai e, por ser aberta na experiencialidade, não é menos científica. É, apenas, um outro – dos infinitos – caminhos que pode seguir em seu modo de ser epistêmico.

Desta forma, entender-se-ia que a geografia é uma ciência quando polarizada em uma predicação unificante que esquematiza as representações do mundo, enquanto que a geografia como um fenômeno existencial é o complexo da interação na totalidade geográfica não polarizada. No caminho de Merleau-Ponty (2018), “fenômeno” está correlato à posição fenomenológica, na relação

de que o aparecer nunca está desvinculado da facticidade do mundo, não há secção ontológica; nem temporal, nem espacial e nem escalar. Logo, constata-se, por exemplo, que “geografia agrária” é um fenômeno geográfico quando despolarizado – imerso na interação pura – e uma ciência quando polarizado a confluir no foco – em tessituras lógicas – para a espacialidade agrária. A geografia existencial enfatiza a geografia enquanto interação, a partir da totalidade Terra-Mundo-Universo, cabível não somente das polarizações predicativas, mas também, da experiencialidade solícita à interação pura coexistencial.

Talvez o formulado até aqui, torne compreensível a crítica de Bailly e Ferras (1997, p. 6; *apud* SOUZA, 2021, p. 51) aos autores do Norte que não lêem os autores do Sul, ao consentir que: “A geografia ainda raramente proporciona a oportunidade de longos desenvolvimentos em epistemologia. No pior dos casos, alguns consideram que ‘é filosofia’ (seria isso uma desvantagem?) e outros que ‘não é geografia’ (mas sem dizer o que é)”. Isso, pois, confere a concepção da geografia construída no Sul permitir uma visão mais existencial do que representativa. Pode ser pela realidade tão pujante, a diversidade ambiental tão manifesta, as extensões espaciais tão proeminentes, a riqueza inestimável dos modos de vida e tantas outras aberturas, que a geografia do Sul talvez seja mesmo uma filosofia existencial e que, portanto, não é uma geografia científica aos moldes representativos europeístas, afinal, simplesmente não há esta necessidade de categorizar tantas representações para nós que temos uma experiencialidade tão generosa.

Conceber um fenômeno geográfico (distinto de ser uma área geográfica ou corrente geográfica) deve atender à facticidade do mundo, em uma manifestação não polarizada. Por isso, só com a existência coligada com a experiência (a experiencialidade), que acomete radialmente ao ser: a *entia* (conhecimento) do que vai do *peri* (redor) ao *ex* (fora). Admite-se que a geografia não polarizada é, simplesmente, a cotidianidade da experiência da interação. A vivência, torna-se, então, uma posição de atender a investigação de uma geografia que não é apenas uma ação científica polarizadora, mas uma forma de existência não polarizada, ou seja, encontra-se aqui a noção de que “uma relação concreta liga o homem à Terra, uma geograficidade (*géographicité*) do homem como modo de sua existência e do seu destino. [...] questionando a geografia na perspectiva do próprio geógrafo ou, mais simplesmente, do homem interessado no mundo circundante” (DARDEL, 2011, p. 1-2). Deste modo, circunscreve a geografia enquanto abertura da existência para a interação pura.

Disso, infere-se que a geografia possui um potencial predicativo imenso por não ser determinada por nenhum polo. Nem, como visto, enquanto áreas da geografia, nem em divisões de correntes da geografia, nem mesmo como fenômenos da geografia. Dá-se, consoante: “Pois a geografia não é algo imutável; ela faz-se, refaz-se todos os dias: a cada instante modifica-se pela ação do homem.” (RECLUS, 2010, p. 59). O que a geografia não é, dá a sua consistência – sobretudo por não ser imutável, aberta à infinitude do ser –, sendo que ela não é rupturada, mesmo sendo possível; não é uma história, mesmo sendo alicerçada por ela e não é um fenômeno, mesmo aparecendo quando se especula dentro de sua interação. Enfim, essas são algumas das conclusões elucubradas até aqui.

É-se importante, por fim, no trânsito entre ser geográfico e não-ser geográfico, dar uma devida atenção para não se recair no erro de extremar a valorização quanto ao ser ou ao nada, perspectiva a qual Vico critica, acerca de “louvar os antigos acadêmicos, que somente afirmavam o saber do não saber, e tanto mais os novos acadêmicos, por sua grandeza na arte da argumentação (que pertence à oratória)” (GADAMER, 2015, p. 57). Essa baliza – ser e não-ser (ontológica), saber e não-saber (gnosiológica) – é imperiosa ao trabalho entre o que não é geografia no sentido do que é geografia, pois nem o primeiro e nem o segundo casos podem ser ditos enquanto um caminho ideal. Conhecer tanto a ida quanto a volta, do nada ao ser e do ser ao nada, de Sartre a Melisso e de Melisso a Sartre, é necessário para a construção de um conhecimento saudável e lúcido, não apenas de suas fronteiras, mas do que há no interno e no externo dessa demarcação.

A geografia não é nenhuma de suas predicções em áreas ou correntes, outrossim, não é tão somente fenomênica, quando sem predicções. O não-ser geográfico é uno: áreas, correntes e fenômenos. O ser geográfico é um múltiplo, ou melhor, é interação: tanto polarizada (áreas e

correntes) quanto despolarizada (fenômenos). Esse, pois, é o resultado esquematizado. Espera-se ter encontrado uma vinculação originária do não-ser geográfico, concepção existencial de infinitas aberturas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabe-se que compreender “O que não é geografia?” não só se mostrou uma tarefa árdua e necessária para a filosofia quanto também para a ontologia da epistemologia da geografia, ao revelar importantes aberturas e malear concepções tão cristalizadas. Dessarte, concebeu-se, enquanto ciência existencial, o fundamento de seu ser. Assim, percebe-se ao dizer que: “geografia é uma ciência síntese”, “geografia é uma relação do homem e natureza”, “geografia é uma ciência auxiliar”, “geografia é humana”, “geografia é física”, “geografia é ideográfica”, “geografia é nomotética”, “geografia é uma ciência do presente”, “a geografia é teórica”, “a geografia é crítica”, “a geografia é humanista”... entre tantas outras acepções, estão todas, individualmente, erradas e, em simultâneo, erradas. A geografia não é área, corrente ou fenômeno; é interação sintético-analítica. É ambas, mas aberta a não ser nenhuma, em aguardo, através do futuro, por novas posições.

Desse modo, a geografia abre-se por não-ser nenhuma polarização ou despolarização de ser e fecha-se em unidade de ser. Nisso, a geografia é um todo a ser polarizado (áreas e correntes) ou não polarizado (fenômenos). Assim, a não geografia não é “só” alguma predicação em absoluto, também, ela não pode nem ser uma e nem dividida porque é ambas, é interação pura. Logo, a abertura é ontológica na geografia enquanto ciência existencial. A partir disso, responder “O que não é geografia?” não é só admissível, quanto permite a existência de múltiplas abordagens possíveis.

Ao remontar o trabalho, em revisão, buscou-se adentrar no *lato sensu* do nada ao *stricto sensu* do nada geográfico. Dessa maneira, marcou-se uma ampla gama epistemológica de autores famosos por suas teorizações acerca do nada – Parmênides, Melisso, Górgias, Platão, Al-Fārābī e Sartre – a fim de permearem-se os possíveis horizontes de se pensar o não-ser em geografia. Muitos outros autores podem ser aludidos, contudo, pontuaram-se os mais memoráveis em suas sentenças nadológicas. No entanto, indica-se que o horizonte de possibilidades teórico-metodológicas da nadidade é amplo, logo, novas proposições de não-geograficidades e de não-ser geográfico são deveras abertas aos interessados.

Nesse passo, ao se procurar uma objetividade no que foi encontrado sobre o não-ser geográfico, perceberam-se, em uma revisão bibliográfica, três visões básicas: 1) “a geografia não é outras ciências”, 2) “a geografia não é um conhecimento unânime” e 3) “a geografia não é puramente acadêmica”. Rapidamente, recapitular-se-ão os três pontos em suas considerações mais basilares.

Compreende-se, em primeiro lugar, que a geografia não é outras ciências porque ela é autêntica e autônoma por si mesma. Quando se pensa em suas áreas: geografia urbana, agrária, econômica, política, social... não são um auxílio a outras ciências, mas que a partir de uma interação pura originária, pontuam-se fenômenos, em áreas a serem polarizados para se compreenderem as convergências da totalidade para a parcialidade. Em segundo, a geografia não é unânime porque é um todo a ser polarizado inclusive por correntes filosóficas. A geografia possibilista, determinista, teórica, ativa, radical, crítica, humanista, cultural, existencial... são possíveis, pois ela, a geografia, não é dogmatizável, já que o horizonte sempre será fértil, inclusive para possibilidades futuras de novas predicções que ainda hoje não foram mencionadas. Se a geografia científico-existencial é polarizada, a geografia existencial fenomênica é o próprio complexo da interação não polarizada, presente à vivência, tanto à educação quanto ao cotidiano. Conceber um fenômeno geográfico deve atender à facticidade do mundo, não polarizado, mas visionado a partir da vivência.

Enfim, a geografia não é uma área, não é uma corrente e não é um fenômeno, porque ela “não é só”, ela “é também” e sempre “é mais”. Desse modo, encontrou-se muito do que é geografia para um estudo que pretendia definir o que não é geografia. Isso se deu, como já preconizado na introdução, devido ao fato de a geografia encontrar sua unidade pelo não-ser. Obviamente, o estudo não findou todo o horizonte de possibilidades e abordagens que uma questão tão ampla pode evocar.

Pretendeu-se, para construções ontológicas, conceder, de alguma forma, inspiração que incentive novas perspectivas. Espera-se que dúvidas surjam, questionamentos apareçam, lacunas persistam e, sobretudo, que a coragem aos leitores de pensarem e repensarem seja sempre imperativa.

REFERÊNCIAS

AL-FĀRĀBĪ. Respostas a questões sobre as quais foi indagado. Cap. Textos de Al-Fārābī. *In*: ISKANDAR, Jamil. **Compreender Al-Fārābī e Avicena**. Petrópolis: Editora Vozes, p. 21-76, 2011.

BACHELARD, Gaston. **A epistemologia**. Lisboa: Edições 70, 2006.

BAILLY, Antoine, FERRAS, Robert. **Éléments d'épistémologie de la Géographie**. Paris: Armand Colin, 1997.

BRUNHES, Jean. **Geografia humana**. Barcelona: Editorial Juventud, S. A., 1964.

CARNEIRO, Patrício; MATOS, Ralfo. Encontros e Desencontros entre Geografia e História e Tendências na Geografia Histórica Anglo-Saxã. **Espaço Aberto**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 33-50, 2012.

CORREA, Carolina. **Objeto de estudo da Geografia**: a análise do conceito segundo os professores da rede pública de ensino de Londrina-PR. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014.

DARDEL, Éric. **O Homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.

FONSECA, Valdelúcio; CARACRISTI, Isorlanda. Os clássicos da geografia e suas contribuições para formação de professores no curso de geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA (Sobral-CE/Brasil). **Revista Geográfica de América Central** – Número Especial EGAL, [S. l.], v. 2, n. 4, p. 1-14, 2011.

GADAMER, Hans. **Verdade e método I**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis: Vozes, 2015.

GALGANO, Nicola. **A transgressão de Melisso**: o tema do não-ser no eleatismo. 2009. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

GEORGE, Pierre. **A ação do homem**. São Paulo: Difusão Européia do livro, S/D.

GEORGE, Pierre. Problemas, doutrina e método. GEORGE, Pierre *et al.* **A Geografia ativa**. São Paulo: Universidade de S. Paulo, p. 11-43, 1966.

GEORGE, Pierre. **Sociologia e Geografia**. Rio de Janeiro: Cia. Editora Forense, 1969.

GOMBRICH, Ernst. **História da arte**. Rio de Janeiro: LTC, 2018.

GÓRGIAS. **Testemunhos e Fragmentos**. Lisboa: Edições Colibri, 1993.

HARTSHORNE, Richard. **Propósitos e natureza da geografia**. São Paulo: Hucitec, 1978.

HESSSEN, Johannes. **Teoria do conhecimento**. 7^a ed. Coimbra: Coleção Stvdivm, 1980.

HETTNER, Alfred. A geografia como ciência corológica da superfície terrestre. **GEOgraphia**, v. 13, n. 25, p. 136-152, 2012.

HETTNER, Alfred. Das Wesen und die Methoden der Geographie. *In: Geographische Zeitschrift*, n. 11, p. 615-629, 1905.

LA BLACHE, Paul. **Princípios de geografia humana**. Lisboa: Edições Cosmos, 1954.

LACOSTE, Yves. **A geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. 19ª ed. Campinas: Papirus, 2012.

LACOSTE, Yves. Braudel geógrafo. *In: LACOSTE, Yves (org.). Ler Braudel*. São Paulo: Papirus, p. 175-220, 1989.

LATUF, Marcelo. Geografia Física ou Humana, ou será apenas Geografia? **Revista Formação** (Presidente Prudente), v. 1, p. 205-206, 2007.

LENCIONE, Sandra. **Região e Geografia**. São Paulo: Ed. USP, 1999.

LOPES, Jahan. Geografia existencial: entosfera, ontosfera e nadosfera. **Geografia** (Rio Claro. Online), Rio Claro, v. 46, n. 1, p. 1-22, 2021.

LYDIA, Ana. Como aprendemos a ensinar Geografia? A experiência do pré-vestibular social. Cap. 1. *In: GOMES, Ingrid. A geografia na contemporaneidade 2*. [S. l.]: Atena, p. 1-15, 2018.

MARANDOLA JR, Eduardo. **Fenomenologia do ser-situado: crônicas de um verão tropical**. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

MARTINS, Elvio. Geografia e ontologia: o fundamento geográfico do ser. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, v. 11, n. 1, p. 33-51, 2007.

MELISSO. Fragmentos: Sobre a natureza ou sobre o ser. *In: Os Pensadores. Os pré-socráticos: Fragmentos, doxografia e comentários*. 4ª ed. São Paulo: Nova Cultural, p. 18-20, 1989.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

MONBEIG, Pierre. Papel e valor do ensino da Geografia e de sua pesquisa. **Boletim Carioca de Geografia**, Rio de Janeiro, a. VII, n. 1 e 2, 1954.

MORAES, Antonio. **Geografia pequena história crítica**. 21ª ed. São Paulo: Annablume, 2007.

MORAES, Antonio. **Ideologias geográficas: espaço, cultura e política no Brasil**. 5ª ed. São Paulo: Annablume, 2005.

MORE. **Mecanismo online para referências, versão 2.0**. Florianópolis: UFSC: Rexplab, 2013. Disponível em: <http://www.more.ufsc.br/>. Acesso em: 16/05/2021.

MOREIRA, Ruy. **O que é Geografia**. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

NITSCHKE, Julio. Como distinguir Geografia de Sociologia. **Independente**, Curitiba, n. 1, p. 1-20, 2020.

PARMÊNIDES. Fragmentos: Sobre a Natureza. *In*: Os Pensadores. **Os pré-socráticos**: Fragmentos, doxografia e comentários. 4ª ed. São Paulo: Nova Cultural. p. 87-91, 1989.

PLATÃO. **Diálogos**: Fédon – Sofista – Político. [S. l.]: Editora Tecnoprint S. A., Clássicos de Ouro, S/D.

RATZEL, Friedrich. A Geografia do homem. Cap. 1. *In*: MORAES, Antonio (org.). **Ratzel**. São Paulo: Ed. Ática, p. 32-107, 1990.

RECLUS, Élisée. **Renovação de uma cidade**: repartição dos homens. São Paulo: Expressão e Arte: Editora Imaginário, 2010.

REIS, Luis; SANTOS, Josimar. O Resgate da Investigação Ontológica na Geografia através da Fenomenologia-Hermenêutica de Martin Heidegger. **Para Onde!?** (UFRGS), v. 12, p. 173-190, 2019.

SALVADOR, Diego. A Geografia e o método dialético. **Sociedade e Território**, Natal, v. 24, p. 97-114, 2012.

SARTRE, Jean-Paul. **A náusea**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada**: ensaio de Ontologia Fenomenológica. 24ª ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

SILVA, Armando. Ontologia Analítica: Teoria e Método. **Terra livre**, São Paulo, n. 9, p. 129-133, 1991.

SILVA, Armando. Aparência, o ser e a forma. **GEOgrafia**, Rio de Janeiro, n. 3, ano II, p. 7-25, 2000.

SILVA, Armando. **O espaço fora do lugar**. São Paulo: Hucitec, 1978.

SOUZA, Maria. A Geografia renovada e a compreensão do mundo atual: teoria e método. **Boletim Alfenense de Geografia**, Alfenas, v. 1, n. 1, p. 21-56, 2021.

WARDENGA, Utte. A gradual consolidação do constructo de Geografia de Hettner: 1901-1908. **GEOgraphia**, v. 20, n. 43, p. 3-20, 2018.

ZILLES, Urbano. **Teoria do conhecimento e teoria da ciência**. São Paulo: Paulus, 2005.



Informações sobre a Licença

Este é um artigo de acesso aberto distribuído nos termos da Licença de Atribuição Creative Commons, que permite o uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o trabalho original seja devidamente citado.

License Information

This is an open access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which allows for unrestricted use, distribution and reproduction in any medium, as long as the original work is properly cited.